



casa da música

18 JAN | 2014

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

18:00 SALA SUGGIA

Peter Rundel *direcção musical*

Marisol Montalvo *soprano*

Victor Pereira *clarinete*

1ª Parte

Hans Zender

Fûrin No Kyô, para soprano, clarinete e ensemble

[1989; C.18MIN.; ESTREIA NACIONAL]

Unsus Chin

Gougalon, cenas de um teatro de rua

[2009-2011; C.20MIN.; ESTREIA NACIONAL]

1. *Prologue – Dramatic Opening of the Curtain*
2. *Lament of the Bald Singer*
3. *The Grinning Fortune Teller with the False Teeth*
4. *Episode between Bottles and Cans*
5. *Circulus vitiosus – Dance around the Shacks*
6. *The Hunt for the Quack's Plait*

2ª Parte

Hans Zender

Cinco Prelúdios de Claude Debussy [ORQ. 1991; C.13MIN.]

1. *Voiles*
2. *Danse de Puck*
3. *Général Lavine – eccentric*
4. *Des Pas sur la Neige*
5. *Les Collines d'Anacapri*

Unsus Chin

Akrostichon-Wortspiel (Acróstico-Jogo de Palavras), sete cenas de contos de fadas para soprano e ensemble

[1991; REV. 1993; C.17MIN.]

1. *Hide and Seek*
2. *The Puzzle of the Three Magic Gates*
3. *The Rules of the Game – sdrawkcaB emIT*
4. *Four Seasons in Five Verses*
5. *Domifare S*
6. *The Game of Chance*
7. *From the Old Time*

Abertura Oficial Ano do Oriente

Portrait Unsus Chin II – Compositora em Residência

17:15 | Ciber música

Palestra pré-concerto por Rui Pereira

ORIENTE 2014

Peter Rundel *direcção musical*

Peter Rundel nasceu em Friedrichshafen, Alemanha, e estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov em Colónia, Hanôver e Nova Iorque, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. O compositor Jack Brimberg foi também um dos seus mentores em Nova Iorque.

É convidado regularmente para dirigir a Orquestra da Rádio da Baviera, Orquestra Sinfónica Alemã e Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim, Sinfónica da Rádio de Estugarda, Sinfónica WDR de Colónia e orquestras das rádios de Hamburgo, SWR de Baden-Baden, Frankfurt, Saarland, ORF de Viena, Orquestra Nacional da RAI em Turim, musikFabrik em Colónia e Ensemble intercontemporain.

No âmbito do teatro musical, dirigiu produções na Ópera do Estado da Baviera, Festwochen de Viena, Ópera Alemã de Berlim e Festival de Bregenz. O seu trabalho na ópera inclui o repertório tradicional e também produções teatrais de música contemporânea inovadora.

Em 2005 tornou-se maestro titular do Remix Ensemble no Porto – esta colaboração frutuosa é documentada pelo grande sucesso das apresentações em importantes festivais europeus.

Depois de encerrar 2012/13 com uma produção aclamada de Stockhausen no Lincoln Center Festival em Nova Iorque, nesta temporada destacam-se três produções de ópera em grande escala além de vários compromissos orquestrais. Dirige a estreia de *Universumsstulp* de Stephan Winkler na Ópera de Wuppertal e uma nova produção da ópera *Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, encenada por Peter Mussbach, no Wiener Festwochen e no Kulturfabrik Kampnagel em Hamburgo. Peter Rundel foi novamente convidado para dirigir no Ruhrtriennale, desta vez com *Die Materie* de Louis Andriessen numa produção de Heiner Goebbels.

Notas ao programa disponíveis em www.casadamusica.com, na página do concerto ou no separador DOWNLOADS.



MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MECENAS CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

mds PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA

SONAE

GOVERNO DE PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

BPI

Marisol Montalvo *soprano*

A imprensa francesa considerou Marisol Montalvo uma verdadeira revelação no papel de Lulu, que cantou na Ópera Nacional de Paris: “A soprano Americana tem uma forte presença vocal e de palco, e executa este papel exigente com incrível intensidade”. A personagem criada por Berg tornou-se central no seu repertório, tendo-a desempenhado em muitos dos teatros mais prestigiados tais como a Ópera Alemã de Berlim, Teatro de la Maestranza, Ópera de Toulouse e na produção aclamada de Calixto Bieto no Teatro da Basileia.

Marisol Montalvo tem desenvolvido uma colaboração intensa com Christoph Eschenbach e a Orquestra de Filadélfia. Como intérprete requisitada das obras de Matthias Pintscher, cantou o seu *Herodiade Fragmente* com a Orquestra de Saarbrücken, Mitteldeutscher Rundfunk Orchester, num Concerto Promenade da BBC, e ainda em Munique, Paris e Londres; bem como *Twilight Song* e a estreia alemã de *L'espace dernier*.

Juntou-se à Filarmónica de Los Angeles para interpretar árias de concerto de Mozart e regressou para um concerto em celebração dos 50 anos da bossa nova. Trabalhou ainda com a Sinfónica de Londres (*Das klagende Lied*), Orquestra de Paris (*Double Jeu de Dalbavie*), Filarmónica de Viena (*Just an accident de Staar*), Orchestre Colonne (*Pour un monde noir de Chaynes*), Festival Musica de Estrasburgo (*Sieben Frühe Lieder de Berg e A Mind of Winter de Benjamin*). Tem sido igualmente elogiada pelas suas interpretações numa gama alargada de repertório operático.

Victor Pereira *clarinete*

Depois de estudar na Academia de Música de Castelo de Paiva, Victor Pereira continuou a sua formação na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto, onde concluiu a Licenciatura na classe de António Saiote, tendo-lhe sido atribuído o Prémio Fundação Eng.º António de Almeida. Detém ainda, desde 2006, o grau de Mestre em Música (Performance) pela Universidade de Aveiro, onde trabalhou com Alain Damiens. Paralelamente, efectuou masterclasses com Perez Piquer, Michel Arrignon, Paul Meyer, Alain Damiens, Howard Klug, Phillipe Cupper, Guy Chadash e Guy Deplus.

Foi premiado em vários concursos dos quais se destacam: o 1º Prémio no II Concurso Nacional de Jovens Clarinetistas (nível superior), organizado pela Associação Portuguesa do Clarinete; 3º Prémio no I Concurso Internacional de Clarinete do Porto, no qual lhe foi também atribuído o Prémio do Público, 3º Prémio no Concurso Jovens Músicos (nível superior) da RDP, 2º Prémio na categoria de música de câmara (nível superior) no Concurso Jovens Músicos da RDP e finalista no 3rd Osaka International Chamber Music Competition & Festa, no Japão.

Victor Pereira é solista do Remix Ensemble Casa da Música desde 2000. Foi também convidado a colaborar com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfónica da Galiza, Orquestra Gulbenkian, Filarmonia das

Beiras e Ensemble Orquestral do Porto. É professor de clarinete e música de câmara na Academia de Música de Castelo de Paiva e na Escola Profissional de Música de Espinho.

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

Peter Rundel *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de oitenta e cinco obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman e Paul Hillier, entre outros.

No plano internacional, apresentou-se em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Reims, Antuérpia, Madrid, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão, Colónia, Zurique, Luxemburgo e Bruxelas. O projecto *The Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble ao Festival Musica de Estrasburgo, Cité de la Musique em Paris, Saint-Quentin-en-Yvelines, Théâtre de Nîmes, Le Théâtre de Caen, Grand Théâtre du Luxembourg e Grand Théâtre de Reims. Em 2012 fez a estreia mundial do concertino para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin no programa de encerramento do Festival Musica de Estrasburgo, apresentou-se na Fundação Gulbenkian em Lisboa e na Filarmónica de Berlim. Entre os projectos para 2013, mereceu destaque a ópera *Quartett*, de Luca Francesconi, com encenação de Nuno Carinhas, apresentada no Porto e em Estrasburgo. Em 2014 apresenta em estreia mundial *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis, uma encomenda da ECHO, e tem concertos agendados em Lisboa, Paris, Ourense, Madrid e Colónia.

O Remix tem dez discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Wolfgang Mitterer, Karin Rehnqvist e Pascal Dusapin. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com obras de Dusapin na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno
José Pereira
Ana Pereira

Viola

Trevor McTait
David Lloyd

Violoncelo

Oliver Parr
Filipe Quaresma

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner
Ana Raquel Lima

Oboé

José Fernando Silva
Francesco Sammassimo

Clarinete

Victor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Ales Klancar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos
João Cunha
Pedro Fernandes

Piano

Jonathan Ayerst
Vitor Pinho

Harpa

Carla Bos

Bandolim

António Vieira

Hans Zender

WIESBADEN (ALEMANHA), 22 DE NOVEMBRO DE 1936

Hans Zender nasceu em Wiesbaden, Alemanha, a 22 de Novembro de 1936. Estudou nos Conservatórios de Frankfurt e Friburgo, diplomando-se em composição (com Wolfgang Fortner), piano e direcção. Nos anos sessenta obteve duas bolsas para residências de um ano na Villa Massimo, em Roma, uma das distinções mais importantes concedidas a artistas alemães. Em 1999 viria a ser convidado de honra da mesma instituição.

Entre 1964 e 68 foi Maestro Titular da Ópera de Bona, cargo que veio a desempenhar também na Orquestra Sinfónica da Rádio de Saarbrücken (1971-84) e Orquestra de Câmara da Rádio Holandesa (1987-90). Foi ainda Maestro Convidado Principal da Ópera Nacional de Bruxelas (1987-90) e, desde 1999, é Maestro Convidado e membro do Conselho Artístico da Orquestra Sinfónica SWR de Baden-Baden e Friburgo. Entre 1984 e 87 foi Director Musical da Ópera Estatal de Hamburgo. É membro das Academias das Artes de Hamburgo, Berlim e Munique. Mais recentemente, na temporada de 2005/06, foi Compositor em Residência da Orquestra Sinfónica Alemã de Berlim.

Hans Zender foi Professor de Composição no Conservatório de Frankfurt entre 1988 e 2000, cidade que lhe atribuiu o Prémio Goethe em 1997. Recebeu igualmente o Prémio da Cultura de Hessen. A sua discografia é vasta, contando-se ainda numerosas gravações para a televisão. Mantém uma actividade regular a nível internacional, como maestro convidado.

No domínio da composição, Hans Zender afirmou-se internacionalmente a partir dos anos sessenta, muito particularmente em dois domínios: a música vocal, onde se destacam a série de peças vocais *Canto I* (1965) a *Canto VII* (1992) ou, mais recentemente, *Tres canciones* (2005) e *Logos-Fragmente* (2008), e a vertente vocal da música cénica com *Stephen Climax* (1984) ou *Don Quijote de la Mancha* (1991); o domínio da transcrição, ou adaptação de obras de outros compositores, sendo de destacar *Cinco Prelúdios de Debussy* (1991, incluídos neste programa), *Schuberts Winterreise* (1993) e *33 Veränderungen über 33 Veränderungen* (escritas em 2011, segundo as *Variações Diabelli* de Beethoven, a apresentar pelo Remix Ensemble no próximo dia 11 de Março de 2014).

Neste programa estão representadas estas duas vertentes. A primeira obra em programa, *Fûrin No Kyô*, para soprano, clarinete e ensemble, data de 1989 e inscreve-se no domínio da música vocal com acompanhamento instrumental. Esta obra denota, ainda, outra vertente importante no percurso do compositor: a influência da cultura japonesa enquanto reflexo da forte impressão que lhe causou a primeira viagem ao país do Sol nascente. “O intelectualismo da Europa, a tecnologia, a pressão e o ruído da vida quotidiana: tudo isso me pareceu contestável como nunca antes”, afirmou Hans Zender por altura da sua primeira obra sob a influência da cultura japonesa, *Muji no kyo*, para soprano, instrumentos solistas e ensemble (1975), com base num texto japonês da Idade

Média e que se caracteriza pela simplicidade e o silêncio. Seguiu-se um ciclo de sete peças, iniciado em 1977 e concluído vinte anos depois, com o título comum *Lo-Shu*, expressão que na China antiga designava um quadrado dividido em nove partes e que levou o compositor a reflectir sobre o espaço e o tempo contidos nessa estrutura.

Fûrin No Kyô tem por base uma quadra do poeta Ikkyû (1394-1481), um monge budista Zen natural de um subúrbio de Quioto.

“Numa mudez imóvel, num som em movimento.

Será o sino, será o vento, será a voz do sino?

Apavorado, o velho monge acorda da sua sesta diurna.

O que precisa de soar? A vigília da meia-noite ao meio-dia?”

O título parte da junção das palavras Fu (vento) e Rin (sino). Segundo o próprio compositor Hans Zender, este é um poema sobre percepção acústica. Na sua explicação, prossegue: “A obra dividida em quatro partes enuncia o poema em quatro línguas: a primeira parte em japonês, a segunda em inglês. Depois segue-se uma cadência instrumental. A terceira parte contém os textos em alemão e a quarta parte contém fragmentos entrelaçados em japonês, inglês, alemão e chinês, os quais, reunidos, engrandecem a proporção do texto. Por outro lado, cada uma das quatro partes está relacionada com as estrofes respectivas do poema: a primeira pela sua atitude contemplativa, a segunda pelo seu jogo de comparação, a terceira parte pelo seu aspecto dramático e a última pelo reforço extático, no sentido de uma impenetrabilidade racional do todo.”

A segunda peça de Zender no programa, *Cinco Prelúdios de Claude Debussy*, data de 1991 e insere-se no domínio da orquestração. As cinco peças escolhidas fazem parte do conjunto de 24 Prelúdios para piano do compositor francês Claude Debussy (1862-1918), publicados em dois cadernos de 12 Prelúdios nos anos 1910 e 1913. Os prelúdios de Debussy são obras da maior importância na literatura pianística universal. Ao contrário de ciclos de prelúdios anteriores e até mesmo posteriores, como os de Bach, Chopin, Alkan ou Chostakovitch, os prelúdios de Debussy não estão conectados por um esquema de relações tonais entre si. Na verdade, cada um constitui uma peça independente, razão pela qual são muitas vezes apresentados individualmente ou em pequenos grupos escolhidos pelos intérpretes. Acresce que cada um tem um título de carácter extramusical, facto que na maior parte dos casos não constitui um plano programático mas antes uma sugestão para a interpretação. Vários autores partilham a opinião de que Debussy terá alcançado nestas peças o expoente máximo na chamada arte da sugestão, a indução de imagens e outros estímulos sensoriais através da música.

Diversos compositores orquestraram peças para piano de Debussy, nomeadamente prelúdios, praticamente desde a data da sua estreia. A tarefa representa sempre uma interpretação das próprias intenções do compositor e uma atribuição de significado resultante de uma aná-

lise detalhada da música. À partida, a transposição para os sons de uma orquestra de uma obra escrita para piano abre um grande leque de possibilidades tímbricas. Isso é particularmente relevante no caso da música de Debussy devido ao grande detalhe polifónico da sua escrita, aos diferentes níveis de tessitura representados, à variedade de tonalidades ou escalas que surgem, por vezes, em simultâneo. E o próprio Debussy chegou a utilizar nos seus prelúdios para piano três e quatro sistemas de pautas em simultâneo (em vez dos dois comuns), não porque fosse necessário mas para, assim, criar uma comunicação mais clara das suas intenções.

A escolha de Hans Zender recaiu sobre quatro prelúdios do primeiro caderno (*Voiles, Danse de Puck, Des Pas sur la Neige e Les Collines d'Anacapri*) e um prelúdio do segundo caderno (*Général Lavine – eccentric*). A sua ordenação corresponde a uma dramaturgia escolhida por Zender.

A selecção tem início com *Voiles*, peça enigmática e contemplativa escrita na escala de tons inteiros. A primeira indicação de tempo, *Modéré*, é seguida da rara indicação: “num ritmo sem rigor e *caressant*”. As terceiras descendentes que iniciam a peça são entregues aos oboés e logo depois dobradas pelas flautas. Este motivo é apresentado com coloridos em constante mutação devido a uma criteriosa escolha de instrumentos. Sob ele, as cordas cantam a melodia principal, pontuada por efeitos tímbricos na percussão e um ostinato rítmico na harpa. Toda a execução rítmica desta peça lenta, muito devido à densa polifonia que Hans Zender escolhe e à indicação original “sem rigor”, representa uma extrema complexidade.

O penúltimo prelúdio do primeiro caderno é inspirado num personagem shakespeariano e é dos mais conhecidos. Dá pelo nome de *La Danse de Puck*, sendo Puck um espírito maléfico que habita os bosques e assusta os viajantes que se atrevem a atravessá-los. O prelúdio é extremamente rico nas articulações de cada motivo e na sua dimensão polifónica, deixando mesmo adivinhar possíveis orquestrações, sobretudo nos motivos associados a toques de trompas ou trompetes. Zender toma uma opção densamente polifónica, desde logo ao dispersar o motivo inicial por vários instrumentos. Simultaneamente, oferece à peça um lirismo e um carácter próximo do grotesco que no piano são praticamente impossíveis de alcançar.

Em *Général Lavine – eccentric*, a orquestração põe em evidência o lado excêntrico do personagem com as sonoridades do trompete e do trombone, sendo que a caixa reforça, ainda mais, o seu lado militar. A escolha do contra-fagote para o solo que representa o caminhar do general, acompanhado ao ritmo de *cake-walk*, assinala o lado humorístico da peça.

De Pas sur la Neige (passos sobre a neve) encontra uma alusão muito directa ao título logo no início. As duas primeiras notas que fazem uma espécie acompanhamento perpétuo representam os passos na neve, sendo que a primeira (nota Ré) é mais rápida e fica presa, a soar para a segunda, mais longa (nota Mi), como se os pés ficassem presos na neve. Zender é brilhante na atmosfera estática e nostálgica que alcança.

Les Collines d'Anacapri é um prelúdio extremamente virtuoso, de ritmos rápidos e articulação muito clara, privilegiando os sons cristalinos do piano e explorando a ressonância de harmónicos. Nos instrumentos de sopro e nas cordas estes efeitos são extremamente difíceis, sobretudo nas passagens de uns instrumentos para os outros. Há vários ritmos de dança, homenagens a tarantelas e, na parte central, uma canção napolitana feita com mais rubato, momento em que a orquestração permite acrescidos recursos expressivos.

RUI PEREIRA (2014)

Unsk Chin

SEUL, 14 DE JULHO DE 1961

Unsk Chin nasceu em Seul, na Coreia do Sul, estudou com Ligeti em Hamburgo e actualmente reside em Berlim. É uma das compositoras mais importantes da sua geração, tendo sido galardoada com os prémios Grawemeyer (2004) – pelo seu Concerto para violino – e Arnold Schönberg (2005). A sua obra inclui tanto partituras electrónicas como acústicas. Com uma linguagem moderna, a música de Chin é lírica e tem um poder comunicativo que a distancia de correntes doutrinárias, revelando um ouvido apurado para a instrumentação, cores orquestrais e imaginação rítmica.

As composições de Unsk Chin são regularmente incluídas nas programações das orquestras, ensembles de música contemporânea e solistas mais prestigiados do mundo, contando com o apoio entusiasta de maestros como Kent Nagano, Simon Rattle, Peter Eötvös, David Robertson, Myung-Whun Chung e George Benjamin, e dos violinistas Christian Tetzlaff e Viviane Hagner. Têm sido tocadas por agrupamentos como a Ópera Estatal da Baviera, Filarmónica de Berlim, Sinfónica de Chicago, Filarmónica de Los Angeles, Filarmónica de Londres, Filarmónica da Radio France, Sinfónica Alemã de Berlim e Filarmónica da China, e ainda Ensemble intercontemporain, London Sinfonietta, Ensemble Modern and Kronos Quartet.

A música de Unsk Chin está gravada na série 20/21 da Deutsche Grammophon, e a ópera *Alice in Wonderland* está disponível em DVD editado pela Unitel Classica. Foi a primeira Compositora em Residência da Orquestra Filarmónica de Seul e é Directora Artística do Ciclo de Música Contemporânea desta orquestra desde 2006. Recentemente foi compositora associada do Tonsättarfestival no Konserthus em Estocolmo. Em 2014 é Compositora em Residência na Casa da Música e no próximo mês de Março é o alvo de um concerto monográfico no Miller Theatre em Nova Iorque.

Notas da compositora

Gougalon (*cenas de um teatro de rua*). O título deriva do alto-alemão antigo. Inerentes ao título estão os seguintes significados: vender os olhos; fazer gestos ridículos; ludibriar alguém com pretensa magia; ler a sorte.

O título refere-se a um momento proustiano que vivi – completamente inesperado – durante a minha primeira estadia na China: em 2008 e 2009 visitei Hong Kong e Guangzhou, entre outros lugares. A atmosfera das zonas residenciais antigas e pobres, com as suas vielas estreitas, vendedores ambulantes de comida e pequenos mercados – tudo isto muito perto de ecrãs gigantes, edifícios ultramodernos, e centros comerciais a brilhar – fez-me recordar momentos da minha infância há muito tempo esquecidos. Lembrou-me muito a cidade de Seul nos anos sessenta, do período após a guerra da Coreia e anterior à modernização radical. De condições que hoje em dia já não existem na Coreia do Sul.

Lembrei-me, em particular, de uma trupe de saltimbancos que vi por diversas vezes quando era criança, num subúrbio de Seul. Estes músicos e actores amadores viajavam de terra em terra para venderem remédios caseiros – que na melhor das hipóteses não causavam nenhum efeito – às pessoas. Para entreter os habitantes de cada lugar, montavam uma peça de teatro com música e dança, dividida em várias cenas. (Recordo ainda que os argumentos rodavam à volta de amores não correspondidos e que terminavam invariavelmente com o suicídio da heroína.) O nível era muito amador e extremamente *kitsch*, mas, no entanto, originava emoções fortes entre os espectadores: o que não é assim tão surpreendente se pensarmos que também era praticamente o único tipo de entretenimento num dia a dia marcado por grande pobreza e estruturas repressivas. Brinquedos e entretenimentos com electrónica (já para não falar de Arte) eram, obviamente, desconhecidos. Assim, toda a vila estava presente neste “grande acontecimento”, uma circunstância de que todos queriam beneficiar: videntes, vendedores ambulantes e charlatães. Entre estes estavam também os negociantes de perucas, a quem as jovens podiam vender, para levar algum dinheiro para as famílias, as suas próprias tranças e rabos-de-cavalo.

Gougalon não se refere directamente a esse teatro de rua miserável e diletante. As recordações acima descritas servem apenas de moldura, assim como os nomes de cada andamento não pretendem ser ilustrativos.

Esta peça é sobre um “imaginário de música folclórica” que é estilizado, quebrado em si próprio, e apenas aparentemente primitivo.

Akrostichon-Wortspiel (Acróstico-Jogo de Palavras), uma encomenda da Fundação Gaudeamus, foi composta em 1991 por altura do Concerto de atribuição do Prémio Gaudeamus e a sua primeira audição, numa versão incompleta, decorreu em Amesterdão, pelo Nieuw Ensemble sob a direcção de David Porcelijn. A obra foi concluída dois anos mais tarde e a estreia da versão definitiva decorreu no Queen Elizabeth Hall, a 8 de Setembro de 1993, num concerto do Premiere Ensemble sob a direcção de George Benjamin.

Akrostichon-Wortspiel consiste em sete cenas dos contos de fadas *The Endless Story* de Michael Ende e *Alice through the Looking Glass* de Lewis Carroll. Os textos seleccionados foram trabalhados de diferentes formas: por vezes, as consoantes e as vogais foram agrupadas aleato-

riamente; outras vezes as palavras foram lidas em sentido contrário de forma a manter o significado simbólico.

Cada uma das sete peças é construída em redor de uma nota que funciona como um centro de controlo, mas nos seus meios de expressão cada peça é completamente diferente das outras. São expressos sete estados emocionais distintos, de acordo com a descrição dos contos, oscilando entre o luminoso e o grotesco.

As afinações de alguns instrumentos do ensemble variam entre um quarto e um sexto de tom de forma a alcançar uma boa microtonalidade. A soprano, no seu solo, flutua entre estes dois sistemas de afinação, dependendo da sua própria percepção a cada momento.

(Tradução das versões inglesas: Rui Pereira)